



**OS VAZIOS TRANSBORDANTES DA MEMÓRIA:  
RELAÇÕES PATRIARCAIS E DE GÊNERO NO CONTO  
“MEMÓRIA DO ONTEM QUE NÃO SEP”, DE LUCI COLLIN**

Luciana Borges<sup>1</sup>

“que todas as histórias são a nossa portanto: que todas as histórias são de amor portanto: que todas as histórias tem um fim”

*Luci Collin*

Vozes patriarcais, tonitroantes ou em sussuro, concordantes ou em dissonância ainda se fazem ouvir na ficção contemporânea de autoria feminina. Seja por meio do retrato das situações de superimposição do poder patriarcal – ainda que enfraquecido, mas presente em certas estruturas mentais e comportamentais na sociedade atual – ou por meio da construção de personagens que entram em conflito com os ditames desse poder, o embate travado em algumas páginas ficcionais expressa a necessidade de colocar as relações familiares e de gênero sempre sob rasura, sempre em construção e desconstrução. Uma possível razão para essas ocorrências seria a necessidade de estar em sintonia com o seu tempo, apresentada pela ficção contemporânea, ainda que seja uma sintonia por desconexão<sup>2</sup>. Assim, se a ambiguidade das relações familiares desconstruídas é um fenômeno do presente, é previsível que a literatura tematize essa ocorrência principalmente em relação às releituras que podem caber à figura do pai.

*Vozes num divertimento*, livro de contos de Luci Collin, publicado em 2008<sup>3</sup>, é um desses textos de fronteira que bem caracterizam a ficção contemporânea. A presença das várias “vozes” anunciadas no título é o principal mecanismo narrativo explorado nos textos, os quais jogam com inúmeras possibilidades de expressão, algumas desconcertantes para um leitor não familiarizado com certas desconstruções formais. Muitas vezes, as diversas vozes são marcadas pelo uso de tipos gráficos e estilos de letra diferentes, espécie de mosaico de palavras que o leitor deve compor e decompor. O conto que dá título ao conjunto, por exemplo, é a reprodução fictícia da repercussão do próprio texto, em estratégia metaficcional de referência irônica, aos modos de recepção que podem advir das perspectivas de vários tipos de leitores e de leituras: especialistas em literatura,

<sup>1</sup> Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás. Professora de Literatura na UFG – Campus Catalão. E-mail: [borgeslucianab@gmail.com](mailto:borgeslucianab@gmail.com).

<sup>2</sup> SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 9.

<sup>3</sup> COLLIN, Luci. *Vozes num divertimento*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2008.



estudantes, leitores ocasionais, jornais, a mãe e o pai da autora... Nesse contexto, a ficção de Luci Collin, representante de uma verente que poderíamos chamar de formalista ou hermética na literatura contemporânea, explora as diversas possibilidades da linguagem bem como leva a efeito a mistura do texto literário com outros modos de realização textual, resultando em textos compósitos e híbridos, dotados de grande singularidade.

Considerando o contexto da ficção contemporânea, o presente trabalho tem como objetivo fazer considerações sobre relações de poder e construções de gênero a partir da leitura do conto “Memória do ontem que não sei”, integrante do já citado *Vozes num divertimento*. Considerando a memória da protagonista sobre os fatos que envolvem a maternidade negada, o conto oscila entre a lembrança e o esquecimento em meio às imposições do poder patriarcal sobre o passado e o presente da personagem. Com a desconstrução formal e de linguagem presentes no conto, a ficção de Luci Collin espelha um universo marcado pelas exigências da patriarcalidade em relação ao feminino, focalizando o silenciamento e a repressão das ações femininas transgressoras, em nome de uma cultura de expectativas de gênero<sup>4</sup>, na qual a maternidade pode ser item de valorização ou derrogação feminina, conforme se adeque ou não aos padrões vigentes.

Tradicionalmente, a referência à capacidade reprodutora da mulher, não raras vezes se configura como um mecanismo de restrição de suas potencialidades, chegando-se à conclusão reducionista de que o ser humano do sexo feminino apenas adquire *status* quando comprovadamente é capaz de reproduzir a espécie, como um tipo específico de receptáculo. No texto *Mulher ao pé da letra*, Ruth Brandão reflete sobre o que seria uma construção fálica da personagem feminina, considerado o *phallus* simbolicamente como aquilo que suprime a falta, no sentido psicanalítico do termo. Se a mulher se coloca sempre como algo que deve ser completado, ora por sua contraparte masculina, ora pela via da maternidade, isto a torna um ser em constante incompletude. Se na sociedade, nessa perspectiva, a construção fálica da mulher se mostra como a ideal, o desejo masculino, aquilo que sutura uma falta e a completa, tem-se negado o feminino enquanto Si-Mesmo: “Se ela, a mulher, aceita ser a ilusão da completude alheia, e aí permanece indefinidamente, ela aceita um lugar que a imobiliza e mumifica, lugar da morte, enquanto impossibilidade de seguir o trajeto metonímico do seu próprio desejo”.<sup>5</sup>

De fato, toda a ginecologia da antigüidade grega e romana se concentra na reprodução. Os ensinamentos de Soranos (séc. II d.C.) e as prescrições de Aristóteles para uma vida saudável visam

---

<sup>4</sup> SHAPIRO, Judith. "Anthropology and the study of gender." In:\_\_\_\_\_. A feminist perspective in the Academy: the difference it makes. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

<sup>5</sup> BRANDÃO, Ruth Silviano. *Mulher ao pé da letra*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1993, p. 23.



à reprodução e, para os homens, a produção de um sêmen eficiente, capaz de gerar filhos fortes e saudáveis. No caso das mulheres, segundo Rousselle<sup>6</sup> o ginecologista se torna instrumento da apropriação do homem sobre o corpo feminino que lhe é submetido e suas observações servem ao interesse do *dominus*, que tanto pode apresentar-se na figura do pai, noivo ou marido.

Desse modo, por mais que a maternidade seja encarada socialmente como um atributo positivo da natureza das mulheres, esta deve estar contida dentro da previsível relação entre os gêneros e das estruturas tradicionais da parentalidade: o casamento monogâmico e a garantia da paternidade legitimada. No conto, “Memória do ontem que não sei”, a tematização da maternidade está associada a essa imposição do *dominus* sobre o corpo da mulher, uma vez que o exílio forçado e a anulação da experiência de ser mãe estão intimamente ligados à imposição do pai. Este pai vai-se delineando aos poucos na narrativa que, por não seguir a ordem cronológica dos fatos, mas o fluxo da memória da personagem que retorna a sua cidade de origem, apenas nos apresenta recortes de acontecimentos, os quais devem ser conectados no exercício da leitura: “A Yvete ainda era pequena quando pai fez aquilo. Nós, os mais velhos, já estávamos encaminhados. O Dante na Marinha. O Nereu no Banco. Eu já morava com os tios (lembro do tio Adalberto dando a notícia)”<sup>7</sup>. *Aquilo* é o nome que se dá ao suicídio do pai que, afogado em dívidas, põe fim à própria vida em nome da honra... esse fragmento também adianta um acontecimento relevante para a vida da personagem: a expulsão de casa após o envolvimento com um homem mais velho, comprometido, quando tinha apenas quinze anos.

Para Bourdieu<sup>8</sup>, a dominação masculina se faz no âmbito da violência simbólica, violência às vezes suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce pela vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento. As imposições paternas vão se apresentando aos poucos: “raiva muda quando era mandada pro quarto onde os brinquedos inexpressivos. A sala cheia de adultos, um território proibido. Só porque o pai tinha voz grossa”<sup>9</sup>. Até culminar na expulsão de casa paterna: “o sujeito não tem nada que perder... vão falar é da menina, e com razão! Agora só tem uma coisa: aqui não fica! Vai diretinho pra cidade grande trabalhar na loja do padrinho dela. Em dois tempos a Dinalva endireita esta à toinha! E ninguém me abra a boca aqui dentro que eu mando junto!”<sup>10</sup>

<sup>6</sup> ROUSSELE, Aline. *Pornéia: sexualidade e amor no mundo antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

<sup>7</sup> COLLIN, Luci. *Voices num divertimento*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2008, p. 79.

<sup>8</sup> BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

<sup>9</sup> COLLIN, Luci. *Idem, ibidem*, p. 81.

<sup>10</sup> COLLIN, Luci. *Idem, ibidem*, p. 83.



A voz grossa do pai e a imposição do silêncio aos que devem se submeter à autoridade do *pater familias* vão marcar a existência de Ângela mesmo quando ela já for uma mulher adulta, na opção de não revelar a ninguém os acontecimentos do passado:

Quem estará ali? Aquela menina de quinze anos que foi mandada pra casa dos tios e que acompanhava as linhas do forro mofado no quartinho e que secretamente enjoava sem parar e que contemplava o mistério crescendo olhando pra barriga os olhos exaustos as lágrimas a cada dia compridíssimo de repertório invariável entre vergonha e raiva e dor e que enfim teve um filho e os tios esconderam tudo e entregaram a criança – minúsculo menino – na Santa Casa e ele foi ser filho de alguém que nem se sabe quem nem onde? A mulher a quem já não pertencem as perguntas? O tempo entre uma e outra? Esperar até que o vapor se dissipe. A figura que se interroga reclama tempo para se definir. Bem-vinda; seja quem for.<sup>11</sup>

A criança espúria, por se constituir fora do convencionalismo das relações sociais, é apagada da existência da personagem. Os tios incorporam os valores patriarcais a serem cultivados em nome da lei e da ordem. Tia Dinalva é o feminino normalizado; gorda, preocupada em cozinhar e cuidar da casa: “Marido a gente segura pelo estômago...”, era a fala repetida da tia. Ao que Ângela responde em pensamento: “(Quer saber tia, tia? Ontem vi o tio Adalberto com uma loira lá na Estação. Melhor inventar receita nova...)”<sup>12</sup>, expressando toda a ironia frente à inutilidade dessa construção de feminino.

Nesse aspecto, Ângela é o feminino transgressor – ao ter levado a efeito seus desejos pelo tenente – mas sufocado pela superimposição da ordem patricarcal pelo exílio e pelo afastamento da convivência familiar, a qual não poderia ser maculada pela existência de um filho ilegítimo. O pai, já morto nesse presente narrativo, e que nunca soube e jamais saberá do filho, esteve apenas preocupado com a quebra do tabu da virgindade, fator de vergonha familiar a ser punido exemplarmente. Assim como a maternidade, a saída do estado de virgindade apenas pode se dar dentro dos parâmetros da patriarcalidade: pela transferência do corpo feminino da posse do pai para a posse do marido.

Assim, não obstante o discurso em favor da virgindade presente na tradição, há os casos em que o único remédio é o matrimônio, pois o desejo feminino contido pode se insurgir e explodir de modo danoso ao corpo social. De fato, na ginecologia clássica, o conjunto de sintomas denominado histeria, como derivação etimológica do termo *hystera* (útero), resulta de um estudo anatômico cuja base é a consideração do útero como centro do corpo feminino. Todas as desordens, físicas e mentais, estariam a ele associadas. Para Soranos, o corpo se torna “doente de desejo” e, nas mulheres, a causa é atribuída à migração do útero, que se desloca para o fígado, coração, pulmão e

<sup>11</sup> COLLIN, Luci. *Voices num divertimento*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2008, p. 84.

<sup>12</sup> COLLIN, Luci. *Idem, ibidem*, p. 80.



outros órgãos, causando um mal talvez incurável. Mesmo que o *locus* do desejo não seja o útero, a associação neurológica sugere que o estado natural para as mulheres é o casamento.

Nas sociedades tradicionais, o culto à virgindade advém de uma interseção entre as categorias racionais do *logos* e as transcendentais do *mythos*: a transferência do valor moral de uma mulher para uma parte da anatomia feminina cuja única função parece ser a de efêmero obstáculo à primeira relação sexual. A presença do hímen assume um significado moral que transcende os limites corporais, sendo metonimicamente tomada como símbolo da pureza da alma feminina, e sua ruptura, um signo da desonra quando a defloração não ocorre de acordo com o código matrimonial.<sup>13</sup> No entanto, por trás da ênfase na pureza feminina, está escondida uma interdição do corpo, em benéfica posse masculina e da garantia de usufruto deste corpo – tanto para o prazer sexual do homem, quanto para a garantia de sua descendência em forma de filhos.

A menina-mulher, exercendo sua sexualidade fora da previsibilidade das imposições patriarcais, irá pagar um alto preço pela transgressão. Retornando à sua cidade anos depois, o jogo entre lembrança e esquecimento será a tônica do apagamento da maternidade ocultada:

Voltar à cidadezinha. Reposicionar lembranças determinadas pelo agora tão sem verniz. Desta janela as paisagens são de vidro. Confrontar o eternizado pela memória com estas imagens do que tanto mudou: fotografia que se movimenta, onde nós nem antes nem depois; canção pulsando no silêncio.<sup>14</sup>

No entanto, rever o lugar de origem e rever o homem do passado, devastado pelo tempo: “Por isso voltei à cidade: constatar que o tempo lhe fez concorrer para o desgaste. Eu, fêmea desenvolvida capaz de lhe derrubar com o hálito: não ia dar certo mesmo”,<sup>15</sup> não parece uma retomada simples do passado, mas um modo de realinhar a percepção de si a partir das lembranças, uma vez que os acontecimentos do ontem parecem ter sido histrionicamente vividos por outra pessoa: “Lembrar é agora uma carta remetida por alguém desconhecido, que se lê e não se compreende”.<sup>16</sup>

A mulher que retorna à cidade não é mais a menina expulsa e anulada. É alguém com profunda compreensão da sua trajetória e do modo como pode modificá-la. O silenciamento imposto anteriormente, agora é uma opção estratégica e irônica, uma vingança pela alienação de toda sua família, principalmente de sua irmã Yvete, presa das mesmas malhas patriarcais: “vontade de lhe contar que eu tive um filho há muito tempo atrás. Tanto tempo que até eu mesma duvido. E

<sup>13</sup> ROCHA, José M. da. *Virgindade, sexo, família*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1972, p. 151.

<sup>14</sup> COLLIN, Luci. *Vozes num divertimento*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2008, p. 82.

<sup>15</sup> COLLIN, Luci. *Idem, ibidem*, p. 83.

<sup>16</sup> COLLIN, Luci. *Idem, ibidem*, p. 82.



quase ninguém ficou sabendo, só o tio Adalberto, que morreu faz anos, e a tia Dinalva, nas últimas naquele hospital. O segredo mantido, a história vai se apagando. Isto é honra, pai...”<sup>17</sup>. Segredo a ser encoberto com a morte e com a negação da maternidade no presente, pela ausência de filhos no casamento, motivo de pena por parte da irmã.

Na cartografia tortuosa da lembrança, a menina e a mulher habitam uma esfera de esfacelamento da subjetividade e exílio das relações familiares, os quais se deram em nome da lei e da ordem patriarcais. Tais experiências marcam profundamente sua identidade de mulher ao optar pelo silenciamento do passado. No entanto, o movimento de retorno à cidade da adolescência é também um movimento de renovação e de abandono do fantasma paterno: “A pele a ser trocada a cada inverno. Os votos sagrados de outrora reclamam compreensão. Prazer incongruente da sobrevivência. Desde que hoje não é ontem. E nos soa melhor que amanhã”.<sup>18</sup> O hoje que não é ontem marca a liberdade da protagonista em relação a seu passado, esse ontem do qual não se sabe, esse ontem que, então, pode ser deixado para trás. A memória do ontem não sabido parece então ecoar a epígrafe redentora de Albert Camus: “Um destino não é uma punição”.

### *Bibliografia*

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. *Mulher ao pé da letra*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1993.
- COLLIN, Luci. *Vozes num divertimento*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2008.
- ROCHA, José M. da. *Virgindade, sexo, família*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1972.
- ROUSSELE, Aline. *Pornéia: sexualidade e amor no mundo antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 9-19.
- SHAPIRO, Judith. Anthropology and the study of gender. In: \_\_\_\_\_. *A feminist perspective in the Academy: the difference it makes*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

---

<sup>17</sup> COLLIN, Luci. *Vozes num divertimento*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2008, p. 86.

<sup>18</sup> COLLIN, Luci. *Idem, ibidem*, p. 87.